

O AMIGO

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

DO

HOMEM, E DA PATRIA.

+++++

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui,
qui ne voit que lui dans la Nature.

+++++

Thomas Ygnacio da Silveira.

Subscreve se a 400 réis por semestre pago no principio delle: huma folha que sahirá ás Terças, e Sextas feiras, ainda sendo Dia Santo, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Grande em Casa do Consul Francez; no Rio Pardo em Casa de João Ignacio de Oliveira; e em S. Francisco de Paula em Casa do Medico Roberto Landel. Folhas avulças na mesma Typographia, a 80 réis cada huma.

INTERIOR.

PORTO ALEGRE 4 DE AGOSTO DE 1829.

VIOLENTO, injusto, cruel, ambicioso, lisongeiro, invejoso, insolente altercador; eis o homem em quem domina o *Amor proprio*. Nunca repousa fóra de si mesmo, e se chega a parar he como a abelha sobre as flores para dellas tirar o que lhe convém. Não ha nada mais impetuoso que seos desejos, nada tão occulto como seos designios, cousa alguma tão habil como os meios que emprega para seos fins. Suas condescendencias não se podem representar; passãõ as metamorphoses; suas representações, e suas refinações excedem ás do mais apurado chimico; não se pôde sondar a altura nem penetrar as trevas de seos abismos. Alli está a cuberto das mais penetrantes vistas, faz mil insensíveis voltas, e rodeios; alli, a elle mesmo, muitas vezes he invisível; alli concebe, nutre, e cria, sem o saber hum grande numero de affeições, e de odios. Forma-os tão monstruosos, que quando os dá á luz desconhece-os. ou não se pôde resolver a confessá-los.

Desta noite que o cobre nascem as ridiculas presumpções que elle tem de si mesmo, seos erros, e sua ignorancia do conhecimento proprio. Daqui procede que julgando seos sentimentos mortos, a penas estão

adormecidos; que julga não ter mais vontade de correr logo que se reposa, e que pensa ter perdido todos os prazeres que tem saciado. Mas esta obscuridade espessa que o encobre a si mesmo não o embarça para que veja perfeitamente o que está além de si, e no que a nossos olhos he semelhante. Quer obter cousas que avantajosas lhe não são, e que antes lhe são nocivas, mas que persegue pois nellas intenta; he bizarro; e em objectos os mais frivolos applica todo o seo entendimento; encontra prazer nos mais insipidos, e nos mais desprezíveis conserva toda a sua altivez. Amolda-se a todos os estados, e condições da vida: por toda a parte vive; vive de tudo; finalmente não vive de cousa alguma. Accommoda-se com todas as cousas, assim como a passar sem ellas; passa mesmo para o partido das pessoas que lhe fazem guerra, e até entra nos seos designios: porém o que he mais de admirar, com elles se aborrece de si mesmo; conspira para a sua perdição; trabalha mesmo na sua ruina: emfim só cuida em viver, e com tanto que exista quer muito bem ser seo proprio inimigo.

Não nos devemos pois admirar se muitas vezes elle se une á mais aspera austeridade, e se com ella entra atrevidamente na sociedade para se destruir, por que ao mesmo tempo que n'hum lugar se arruina, em outro se restabelece. Quando pensamos

[2]
que elle deixa seus delictos, não faz se não suspen-
de-los, ou muda-los, e quando mesmo ven-
cido está, e que julgamos d'elle estar livre, eis
que triunfante se acha no seo proprio destroço.

O homem corrompido por esta paixão só
ama a si, e nenhuma outra cousa; tudo
a si attribue; e unico se contempla na Na-
tureza (*il rapporte toute a soi, et ne voit
que lui dans la Nature*) encerra em seo co-
ração o germen de todos os crimes desde
o mais leve até o mais detestavel. He o *amor
proprio* o principio de todas as acções, que
não tem por base se não a natureza corrom-
pida; e bem longe de nos horrorisar, nós
não amamos, e não aborrecemos todas as
cousas que estão fóra do nosso alcance,
que segundo a conformidade, ou causa con-
traria ao que elle nos inclina.

Mas se o amamos em nós mesmos, muito
falta para que se trate da mesma maneira
quando o apercebemos nos outros. Ao con-
trario apresenta-se-nos debaixo da sua for-
ma natural, e nós o aborrecemos tanto mais,
quanto nos estimamos, por que o *amor
proprio* dos outros homens se oppõe a to-
dos os desejos que o nosso incita. Nós que-
reria-mos que todos os outros nos amassem,
nos admirassem, e que se curvassem a nos-
sos sentimentos; que se não occupassem se
não do cuidado de nos satisfazer; e não só-
mente elles isso não desejão, como achão
ridicula nessa pretensão; estão promptos
a tudo emprender, não só para nos em-
baraçar de chagar ao fim de nossos desejos,
como para nos sujeitar aos seus, e para de
nós exigir as mesmas cousas. Eis, por este
principio, todos os homens em guerra huns
contra os outros; e se aquelle que disse,
que elles nascião em hum estado hostil, e
que cada homem he naturalmente inimigo
de todos os outros homens, quiz unica-
mente representar por estas palavras a dis-
posição do coração dos homens huns para
com os outros sem pretender faze-lo passar
por legitimo, e justo, teria dito huma cousa
tão conforme á verdade, e experiencia, como
a que sustenta he contraria á razão, e á
justiça.

A satyra que attaca individuos de quem
não ha razão de queixa, não he mais do

que hum libello desprezivel. Se Boileau não
tivesse fallado nas suas satyras se não dos
bons, e máos escriptores, ha muito tempo
que ninguem as leria.

No 1.º do corrente recebeu o Sr. Presi-
dente desta Provincia, Salvador José Ma-
ciel, pela Sumaca Generosa, Aviso que o
demittia deste Emprego: no dia seguinte
convocou o Conselho de Provincia, e a plu-
ralidade de votos, e como Conselheiro mais
antigo, ficou de Vice-Presidente o Exm. Sen-
ador Antonio Vieira da Soledade. Acabado
o Conselho immediatamente se embarcou o
Sr. Maciel, e sua familia, sendo obzequia-
do, na fórma do costume, com huma salva
de 21 tiros.

EXTERIOR.

No nosso N. 3 dissemos que corria o
boato de que Mr. Mandeville, Consul de
S. M. El-Rei de França retirasse para a
França: agora explicaremos melhor este Ar-
tigo.

Depois das negociações infructuosas de
Mr. de Mandeville á cerca dos Francezes,
que o Governo Provisorio de Buenos-Ay-
res obrigava a sahir ao campo contra os
inimigos particulares que elle tem, e de
quaes muitos morrerão victimas de interes-
ses que lhes erão inteiramente alheios, Mr.
de Venancourt, Capitão de Mar e Guerra,
Commandante da Fragata — Magicienne —
e das forças Francezas estacionadas no Rio
da Prata para proteger os Francezes nes-
tas partes, subio com a Fragata o mais
perto que pôde de Buenos-Ayres, e em-
barcou a bordo do Bergantim Iris foi em
pessoa na Cidade, e pediu explicações pe-
remptorias da conducta tida pelos agentes
do Governo com o Consul Geral, e com
os Francezes moradores em Buenos-Ayres,
por que era da sua obrigação fazer res-
peitar os direitos da gente em os sujei-
tos do Rei.

Respondeo-se-lhe que a Republica não
correspondia com Agentes Militares, e que
era negocio de Governo a Governo; mas
como primeiro tinha respondido a Mr. Man-

deville, que era negocio interno em que
não podia entrar, o Commandante sem
mais explicações voltou a bordo do Brigue,
e armando as Embarcações todas com a
gente que coube nellas, dirigio-se ás 7 ho-
ras da tarde sobre a Esquadilha Praten-
se que era fondeada ao pé do Forte.

Respondendo elle mesmo aos quem vai lá
pelo nome respeitado — França —, saltou o
primeiro a bordo de hum dos Buques, che-
gou no convez, o punhal na mão, e com
o grito repetido *Viva El-Rei* durou pouco
o conflicto, e logo os Francezes, depois de
mortos alguns Marinheiros *de la Patria*,
e perdidos ou feridos hum diminuto nu-
mero dos camaradas, levarão 4 vasos de
Guerra, e queimarão hum outro que não
puderão levar por obrigado pelo tirante da
agoa d'elle, a passar debaixo do Forte vi-
sinho.

O valeroso Commandante soltou os pri-
meiros Montaneses que achou a bordo, cor-
respondendo á cortesia que tinha mostrado
o Governador dos Insurgentes Lopez, sol-
tando alguns dias antes huns prisioneiros
do Batalhão.

A vista disto, em 2 de Maio, embar-
cou-se Mr. Mandeville a bordo da Barca
de Guerra Franceza Iris, e muitos indivi-
duos, e familias Francezas, estiverão duran-
te todo o dia a passarem-se para aquella
Embarcação.

BOLETIM DO GOVERNO.

Comunicação do Governador Lopez trazi-
da pelo Parlamento que chegou hontem.

Quartel General na Costa do Rio de las
Conchas 4 de Maio de 1829.

Conforme os sentimentos que eu he ex-
primi a V. Ex. em tres differentes commu-
nicações respeito ás minhas proposições de
paz. Eu sinceramente a desejo, e creio que
V. Ex. não a desejará menos, pois deve-
mos confessar que ella he necessaria a nós
todos. Temos sustentado huma contenda,
e não tenho razão de me queixar da mi-
nha fortuna. Com tudo sinto-me penetra-
do de dor, quando reflecto sobre o san-
gue que se tem derramado; e as vidas que
se tem perdido.

[3]
A guerra civil que se por fim acabar, te-
nhamos nós a gloria de lhe pôr termo.

Se V. Ex. estiver animado de iguaes sen-
timentos, entraremos em negociações quan-
to aos pontos do Tratado, no momento em
que V. Ex. me avise da sua acquiescencia.

O meo Ajudante do Campo, o Tenente
Coronel João Manuel Jupes tem ordem de
entregar esta nota pessoalmente a V. Ex.

Saudo respectosamente a V. Ex. — *Estu-
nislão Lopez*. — Ao General João Lavalle,
Governador Provisorio de Buenos-Ayres.

RESPOSTA DO GOVERNO.

Departamento do Governo de Buenos-Ay-
res 4 de Maio.

O abaixo assignado 1.º Secretario teve or-
dem de S. Ex. o Governador Provisorio desta
Provincia para responder á nota que nesta
data lhe enviou S. Ex. o Governador de
Santa Fé, pela qual se propõe entrar em
negociações de paz na qualidade de Chefe
do Exercito da (†) União; declarando:

1.º Que o Governo Provisorio não pôde,
nem deseja ouvir preposições algumas de
Paz da parte daquelle Governador de Santa
Fé, enquanto occupar com força armada
hum territorio de Buenos-Ayres.

2.º Que o Governo não reconhece o ca-
racter que assumio, o que necessariamente
fôrma hum novo obstaculo, que se oppõe
a admissão das preposições que contém a
sua estimada communicação.

O abaixo assignado aproveita esta occa-
sião para saudar com toda a attenção a S.
Ex. o Governador de Santa Fé. — *José Mi-
guel Dias Vellez*. — A S. Ex. o Governador
de Santa Fé.

(*British Packet de 9 de Maio.*)

— Lê-se no Evening Post de Londres do
mez de Abril: A Eden, Commandante W.
Owen, teve ordem de deixar a estação da
Costa da Africa, para se conservar na da
America Meridional; consequentemente o go-
verno da Ilha já foi conferido ao Coronel
Nechols, de Artilheria da Marinha, o qual
com o Capitão Morgon, dois Subalternos,

(†) Este he o titulo que se arrogou no
sobscripto deste Officio.

e 40 voluntarios de mesmo Corpo, estão destinados para aquella ilha, devem partir no Champion de 18 peças, de que he Com-mandante Scott. O Coronel Nichols deve alli formar huma Brigada de Milicias dos habitantes daquella Colonia; e vai ter ás suas ordens dois Barcos de vapor para mais assiduamente obstarem o Commercio da escravatura. Os nossos cruzadores ultimamente tem sido muito bem succedidos em interceptar este trafico: o Capitão Owen tem tomado 2000 escravos em differentes rios de Benin; e Medina, Capitão Suckny tomou 4 Embarcações com 1200, ou 1300 escravos em todas.

A N N U N C I O S.

Sendo do dever do Procurador da Irmandade de N. S. de Belem não só em seo nome como no de todos os mais Irmãos agradecer ao Illm. Sr. Coronel José Ignacio da Silveira a gratuita offerta de huma Imagem da mesma Senhora, que da Bahia mandou vir no importe de perto de 700\$ réis assim o fazem como testemunho de sua eterna gratidão. No meado de Agosto deste anno se dará começo á nova Capella; e para que se possa finalizar té o Natal proximo futuro, por isso se roga a todos os devotos queirão concorrer com suas esmolas sejam pecuniarias, em materiaes, serventes, ou officiaes, dirigindo-se á Casa de Manoel Joaquim de Sousa, Thesoureiro da Irmandade, ou na de Manoel Francisco Moreira, ambos moradores na rua de Bragança.

Manoel José Gentil reparando que he incompativel a hora que deo para lições de desenho com outros estudos que podião ter seus Alumnos, por isso a transfirio das 2 até ás 5 da tarde. Preço 4\$000.

Francisco José Machado Espindola do Commercio desta Cidade, tendo negocios que tratar com o Reverendo Marcelino Lopes Falcão, e o Sr. Thomaz Cardozo de Almeida, e como ignora o lugar em que estes Srs. existem, por isso lhes roga queirão annun-

ciar por esta folha, para lhes participar o motivo que dos mesmos deseja saber: também participa ao Sr. Francisco Gonçalves Junior, que procure ao annunciante para lhe entregar huma Carta de importancia que tem em seo poder vinda do Rio Grande, a qual só se entregará ao mesmo Sr. Junior.

No dia 28 do assadop fugirão dous negros de bordo da Sumaca Argelina, em huma Canôa pequena serrada na pôpa, e tapada com tabca. Hum dos fugidos poderá ter de 40 a 50 annos, baixote, e falto de cabello; he official de Calafate, e Marinheiro; leuou barrete, calça, e jaqueta de baetão, e hum sacco com roupa. Chama-se Gaspar, Nação Angola. O outro também he de estatura baixa, de 30 a 40 annos, foi vestido como o primeiro, e também levou roupa: chama-se Onofre, Nação Cabinda; quem delles souber, ou pegar, dirija-se á Casa de Francisco Antonio Rodrigues Vianna, rua da Praia, que será recompensado.

Na noute do dia 27 do corrente, das Ave Marias, té ás 8 da noute roubarão na rua da Praia da Loja de Francisco José Machado de Espindola, por baixo do Sobrado do Sr. José Antonio Machado Ourique, huma pessa de panno verde escuro fino com 23 e meia, ou 24 jardas, a qual já tinha falta de hum covado e meio; qualquer pessoa que souber deste roubo, e o descobrir ao annunciante receberá de alviças 25\$600; e sendo algum escravo, e que o Sr. deste saiba do roubo, fará a graça mandar entregar, que também se receberá, estando no mesmo estado. Na mesma Casa tem para vender vinho do Porto em pipas, e barris; dito da Figueira em meias pipas; dito de Lisboa em pipas, e barris; dito de Anadia em barris, dito Catalão em pipas; dito Muscatel engarrafado; vinagre em pipas; azeite doce em barris; agoardente do Reino em barris; genebra em botijas; papel branco primeira sorte, em ballas; a todos estes generos se accommodará nos preços.